

DOI 10.5380/2238-0701.2020n20.11

Data de Re却bimento: 17/10/2019

Data de Aprovação: 18/02/2020

Homem desleixado/mulher cuidadosa:
estereótipos de gênero em comentários de
notícias sobre saúde





Homem desleixado / Mulher cuidadosa: estereótipos de gênero em comentários de notícias sobre saúde

Sloppy Man / Careful Woman: Gender Stereotypes in Health News Commentaries

Hombre descuidado / Mujer cuidadosa: estereotipos de género en los comentarios de noticias de salud

JEFERSON BERTOLINI¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre jornalismo e gênero. O trabalho procurou saber (a) quem, entre homens e mulheres, mais faz comentários na internet a partir de notícias sobre saúde e bem-estar; (b) que assuntos mais despertam comentários; (c) quais são os tipos (categorias) de comentários mais comuns; (d) quais as principais características nos comentários de homens e mulheres. O estudo usa observação direta em comentários de internautas na página do programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, no *Facebook*. O manuscrito conclui que, estimulados a falar sobre saúde e bem-estar a partir de notícias sobre esses temas, homens e mulheres reproduzem na internet a ideia que se costuma ter sobre cada um dos dois gêneros no ambiente físico: o homem desleixado; a mulher cuidadosa.

¹ Doutor em Ciências Humanas (UFSC). Mestre em Jornalismo (UFSC). Graduado em Jornalismo (Univali)

Palavras-chave: Jornalismo; Corpo; Saúde; Notícias.

Abstract: This article presents research findings about journalism and gender. The paper sought to know (a) who, among men and women, makes the most comments on the Internet from health and wellness news; (b) which issues most arouse comments; (c) what are the most common types (categories) of comments; (d) what are the main features in the comments of men and women. The study uses direct observation. The manuscript concludes that, stimulated to talk about health, men and women reproduce on the Internet the common idea of each of the two genders in the physical environment: the sloppy man; the careful woman.

Keywords: Journalism; Body; Health; News.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de la investigación sobre periodismo y género. El documento buscaba saber (a) quién, entre hombres y mujeres, hace más comentarios en Internet de las noticias de salud y bienestar; (b) qué cuestiones despiertan más comentarios; (c) cuáles son los tipos (categorías) más comunes de comentarios; (d) cuáles son las características principales en los comentarios de hombres y mujeres. El estudio utiliza la observación directa en los comentarios de internautas brasileños. El manuscrito concluye que, estimulados a hablar sobre la salud y el bienestar de las noticias sobre estos temas, hombres y mujeres reproducen en Internet la idea común de cada uno de los dos géneros en el entorno físico: el hombre descuidado; La mujer cuidadosa.

Palabras-clave: Periodismo; Cuerpo; Salud; Noticia.

Introdução

Notícias sobre saúde e bem-estar tornaram-se comuns no jornalismo brasileiro. Elas aparecem em programas de TV, páginas de internet, entrevistas de rádio e até batizam editorias de jornais e revistas. Em resumo, dizem como devemos cuidar do corpo, explicam como tratá-lo, ensinam a melhorá-lo e a torná-lo mais resistente.

Este artigo apresenta resultados de pesquisa, em perspectiva de gênero, a partir deste tipo de notícia. O trabalho procurou saber: (a) quem, entre homens e mulheres, mais faz comentários a partir dessas notícias; (b) que assuntos sobre saúde e bem-estar despertam mais comentários; (c) quais são os tipos (categorias) de comentários mais comuns a esse respeito; (d) quais as principais características nos comentários de homens e mulheres.

A preocupação com o corpo não surgiu em nossos dias a reboque de notícias sobre saúde e bem-estar. É secular e, ao longo da história passou por fases marcantes, como o século XVII, com os investimentos do Estado no vigor da população (LE GOFF; TRUONG, 2006); o século XIX, com a aproximação entre medicina e Estado e a medicalização dos corpos (MOULIN, 2009); e o século XX, com a ideia de corpo como algo propenso ao prazer e bem-estar (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008).

Atualmente, quando nota-se veiculação abundante de notícias sobre saúde e bem-estar, percebe-se também um cuidado expressivo com o corpo: ele deve ser nutrido, fortalecido, treinado, embelezado e funcionar como máquina. Para tê-lo dentro dos padrões, é fácil encontrar quem emagreça, faça cirurgias e compre produtos para nutri-lo ou adorná-lo.

Na perspectiva deste estudo, o jornalismo ajuda neste *boom* contemporâneo de cuidado com o corpo. Primeiro, pela influência dos conteúdos que produz e veicula, como se sabe desde 1920, com o início dos estudos sobre a influência dos meios de comunicação de massa (LASSWELL, 1938). Segundo, pelo jornalismo de serviço, de onde surge considerável parcela das notícias sobre saúde. “O jornalismo de serviço não se limita a informar *sobre*, mas *para*” (DIEZANDINO, 1994, p. 89).

Neste contexto é importante lembrar que o corpo não é apenas *noso eu no mundo* (MERLEAU-PONTY, 2006), *o centro da vida* (LE BRE-

TON, 2006) e *objeto de distinção* (BOURDIEU, 2008). É o ponto a partir do qual o poder intervém em nossas vidas. “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no sómático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista” (FOUCAULT, 2015, p. 144).

Esta pesquisa usa técnica interdisciplinar para associar temas do Jornalismo, da Filosofia, da Antropologia e da Sociologia. A interdisciplinaridade “é uma estratégia eficiente para a compreensão, interpretação e explicação de temas complexos” (MINAYO, 2010, p. 441). É “um conceito que invocamos sempre que nos defrontamos com um problema cujo princípio de solução exige o consumo de múltiplas perspectivas” (POMBO, 2007, p. 7).

O texto está dividido em três seções a partir da introdução. A primeira detalha a metodologia do estudo. A segunda apresenta dados da observação dos comentários. A terceira traz uma interpretação dos resultados.

O manuscrito conclui que, quando estimulados a falar sobre saúde e bem-estar a partir da postagem de notícias sobre esses temas, homens e mulheres reproduzem na internet a ideia que, de modo geral, costuma-se ter sobre cada um dos dois gêneros no ambiente físico: o homem desleixado; a mulher cuidadosa.

Metodologia

Neste trabalho foram observados comentários escritos por homens e mulheres na página do programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, no *Facebook*. A observação foi feita em janeiro, fevereiro e março de 2019. Foram os últimos três meses cheios antes de o programa deixar a grade de produtos jornalísticos da emissora e ser transformado em quadro dos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *É de Casa*, da grade de entretenimento.

O estudo usa a observação direta. Trata-se de uma ferramenta que permite ao pesquisador “assistir ao fenômeno estudado e registrar suas observações onde mais lhe convier, seja em bloco de papel ou em uma máquina de filmar” (ABRAMO, 1979, p. 17). A observação foi feita na

internet, onde “observar é um desafio ao pesquisador por causa do fluxo contínuo da informação e de sua temporalidade” (ADGHIRNI, 2007, p. 237).

Foram observados 7.023 comentários de internautas. Esses comentários foram escritos nas caixas de diálogo de 71 postagens (publicação de reportagens) na página do *Bem Estar no Facebook* (essas postagens são feitas por jornalistas do programa). Foram escolhidas as postagens relativas à pauta principal do programa de cada dia (às vezes, há três postagens por dia, de assuntos paralelos), durante os três meses de pesquisa (daí as 71 postagens).

O número de comentários não foi definido previamente: foram observados *todos* os comentários feitos nas caixas de diálogos das 71 postagens. A quantidade de postagens foi definida pelo total de dias úteis (durante os três meses de estudo) em que o programa foi apresentado em seu canal principal, a TV aberta.

O total de comentários observados não é representativo de nenhuma parcela da população brasileira, nem de internautas do *Bem Estar*. Trata-se de uma amostra por acessibilidade, na qual “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 1995, p. 97).

A página do *Bem Estar no Facebook* foi escolhida para a observação de comentários porque: (1) o *Bem Estar* é um programa jornalístico (produz notícias) e (2) porque foi o primeiro programa jornalístico da TV aberta brasileira a tratar exclusivamente sobre saúde.

A atração foi criada em fevereiro de 2011. Até abril de 2019, era apresentada de segunda à sexta-feira, ao vivo, entre 10h e 10h45. Os temas abordados giravam em torno de sete rubricas principais, segundo classificação deste estudo: alimentação, atividade física cuidados estéticos, males urbanos, comportamento, doenças e funcionamento do corpo.

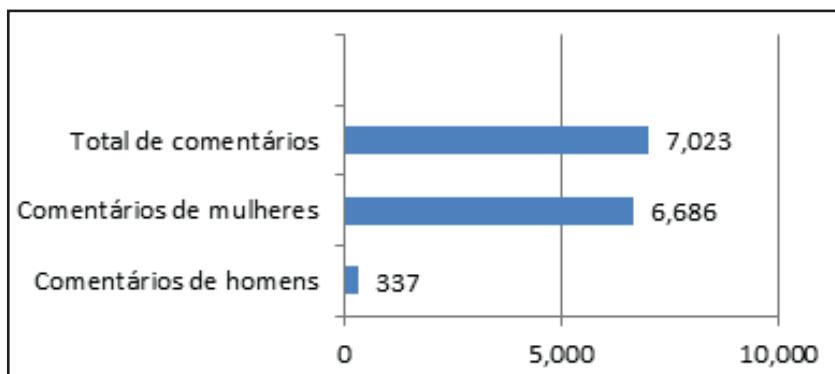
O surgimento do *Bem Estar* se deu após o sucesso de quadros sobre saúde lançados pela *Rede Globo* em outros programas jornalísticos da emissora. O mais notório deles foi a participação do médico Drauzio Varella no *Fantástico*, a partir do ano 2000, quando ele apresentou a série *Viagem ao corpo humano* (BERTOLINI, 2018).

Os dados da observação

Nesta seção apresentam-se os dados relativos às quatro propostas deste trabalho: (a) saber quem, entre homens e mulheres, mais faz comentários a partir de notícias sobre saúde e bem-estar; (b) que assuntos despertam mais comentários; (c) quais são os tipos (ou categorias) de comentários mais comuns; (d) quais as principais características nos comentários de homens e mulheres (nesta parte, o texto a seguir traz *exemplos* de comentários observados; eles não esgotam o total de observações).

Em relação à (a) *primeira proposta*, a observação mostra que, dos 7.023 comentários verificados em janeiro, fevereiro e março de 2019, 6.686 (95,2%) foram escritos por mulheres, e 337 (4,8%) foram escritos por homens. A diferença de porcentagem observada nesta pesquisa é muito maior que as diferenças anotadas pelo programa *Bem Estar* na audiência de TV (68% mulheres e 32% homens) e nos acessos ao site (53% mulheres e 47% homens).

Gráfico 1: Total de comentários observados (por sexo)



Fonte: pesquisa do próprio autor

Em relação à (b) *segunda proposta*, a observação mostra que a postagem que mais despertou comentários foi publicada em 13/02 (sobre garota que ficou paraplégica após colocar *piercing*). Foram 1.649 comentários: 32 de homens e 1.618 de mulheres.

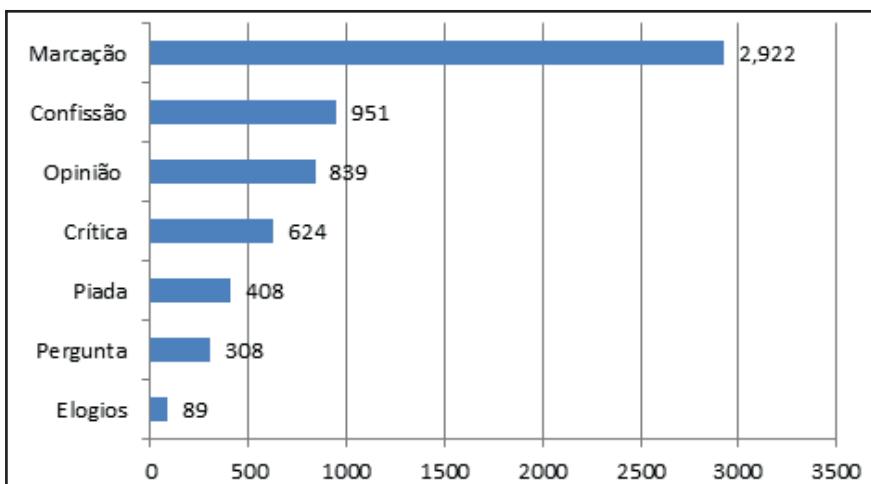
Os outros quatro *posts* mais comentados foram observados em 26/02 (sobre os malefícios do adoçante ao intestino, com 744 comentários; 32 de homens e 712 de mulheres), em 17/01 (sobre bronzeado masculino, com 567 comentários; 97 de homens e 470 de mulheres), em 16/02 (sobre o fim do horário de verão, com 482 comentários; 12 de homens e 470 de mulheres) e 30/01 (sobre o resgate de vítimas de Brumadinho, com 283 comentários; nove de homens e 272 de mulheres).

O *post* mais comentado por mulheres foi em 13/02 (sobre garota que ficou paraplégica após colocar *piercing*). Foram 1.618 (98,06%) comentários de mulheres, contra 32 (1,94%) de homens.

O *post* mais comentado por homens foi observado em 17/01 (sobre homens que usam fita isolante nas bordas da sunga para desenhar a marca do bronzeado, como mulheres às vezes fazem com biquíni). Foram 97 (17,10%) comentários de homens e 470 (82,90%) de mulheres.

Em relação à (c) *terceira proposta*, a observação mostra que os tipos de comentários (ou categorias) mais comuns são, nessa ordem: *marcação* (quando a/o internauta marca alguém com o intuito de mostrar um conteúdo sobre saúde – 2.922 ocorrências, ou 41,60% do total); *confissões* (quando a/o internauta revela alguma intimidade ligada ao corpo, como o fato de querer engravidar e não conseguir – 951 registros, ou 13,54% do total); *opinião* (quando a/o internauta opina, de maneira neutra, sobre o assunto da pauta – 839 registros, ou 11,94% do total); *crítica* (quando a/o internauta se posiciona de maneira crítica à pauta ou à maneira como foi abordado – 624 casos, ou 8,88% do total); *piada* (quando a/o internauta brinca com o tema da pauta, como quando o programa mostrou homens usando fita isolante para desenhar a marca da sunga no bronzeado – 408 casos, ou 5,80% do total); *pergunta* (quando a/o internauta pergunta sobre o tema da pauta na tentativa de algum jornalista complementar a informação – 308 casos, ou 4,38% do total); e *elogios* (quando a/o internauta usa o comentário para elogiar o tema da pauta ou à forma como foi apresentado – 89 casos ou 1,26% do total). Outros 882 comentários (ou 12,55% do total) foram classificados como *outros* porque usaram o espaço do comentário para publicar algo sem nenhuma relação com a pauta, como *links* de publicidade particular, pedido de pesquisa, memes, etc.

Gráfico 2: Tipos de comentários mais comuns



Fonte: pesquisa do próprio autor

Em relação à (d) *quarta proposta*, a observação mostra que:

a) Mulheres

Nos comentários observados, mulheres aparentam ser mais alarmistas do que os homens. “Aqui em Uberlândia uma moça morreu”, alerta mulher em 23/01 (sobre o uso do formol no cabelo). “Que sirva de exemplo para muitos jovens”, escreve outra em 13/02 (sobre garota que ficou paraplégica após colocar *piercing*). “Eu conheci uma pessoa que colocou *piercing* e faleceu com infecção generalizada, é preciso ter muito cuidado”, emenda outra. “Eu futriiquei num terçol e essa mesma bactéria foi parar no meu pulmão esquerdo. Fiquei em ventilação mecânica, em coma induzido, e ainda tive que retirar uma parte inferior do pulmão que necrosou”, escreve internauta em 13/02. “Eu queria tanto um *piercing* que coloquei no umbigo. Meu corpo rejeitou. Coloquei nos dois lados do nariz e mais uma vez meu corpo rejeitou”, relata outra, no mesmo dia.

Elas também se expõem mais em relação a doenças. “Descobri que tinha psoríase aos 10 anos, pois perdi alguns membros da família e fiquei com bastantes lesões. Sofri muito na escola nessa época. Hoje tenho 30

anos e consigo viver melhor com a doença. Uso sempre hidratantes e pomadas mais nunca estou sem lesões. Tenho medo do meu filho de dois anos desenvolver a psoríase também”, comenta mulher em 27/03 (sobre psoríase). “Tenho, até posso dizer, tive. Era muita psoríase. Fui a vários médicos dermatologistas, eles não têm conhecimento da causa. Descobri depois de gastar muito em pomadas e tratamentos. Hoje, parece que nunca tive. Descobri [pomada] por acaso em uma farmácia. Muito baratinha. Terminou as lesões! Quem tiver interesse entra no meu messenger que envio a foto”, escreve outra mulher.

Mulheres perguntam mais sobre qualquer assunto. “Existe algum meio de denunciar anonimamente?”, pergunta mulher em 15/02 (sobre dengue). “Gostaria de saber se quem está amamentando pode tomar paroxetina. Tive depressão pós-parto. Antes de engravidar eu tomava, mas tive que parar por conta da gravidez”, pergunta outra em 08/01 (sobre síndrome do pânico). “Olá, me chamo D****. Estou usando óculos de grau há seis meses, mas às vezes meus olhos começam a queimar e lagrimejar. O que devo fazer? Agradeço pelas dicas maravilhosas do *Bem Estar*”, diz outra em 12/01 (sobre cuidados com os olhos no verão). “Como acabar com a barriga?”, pergunta mulher em 06/03 (sobre riscos da barriga saliente). “Bom dia. Tenho várias pintinhas vermelhas no corpo. Parece verruga. É genético. Minha mãe e minhas irmãs têm. Será que pode crescer?” pergunta mulher em 07/03 (sobre pintas na pele). “Eu queria saber sobre *burnout*. Só se aplica ao trabalho? Queria saber se esses sintomas se aplicam à vida doméstica. É exatamente como eu me sinto dentro da minha casa”, diz mulher em 18/03 (sobre criança ansiosa). “Minha mãe reclama muito do colchão dela. Diz que sente muitas dores. O colchão dela é novo. O que faço para deixar as noites dela mais confortáveis”, pergunta mulher em 26/03 (sobre maneira correta de dormir). “Como é feito o diagnóstico”, pergunta mulher em 28/03 (sobre endometriose). “Por que a cirurgia é tão demorada”, pergunta outra, no mesmo dia.

As mulheres comentam especialmente sobre comportamentos e emoções. “Sou muito ansiosa. Se meu dia foi agitado, não durmo, tenho insônia. Quando venho a dormir as pessoas já estão levantando. Sofro muito com isso. Às vezes penso que dormi, mas de manhã meu corpo parece que trabalhou a noite toda”, conta internauta em 09/02 (sobre sono). “Tenho muita dificuldade para dormir. Quando tomo sonífero, dur-

mo apenas seis horas e passo o dia todo cansada”, revela outra, no mesmo dia. “Minha letra me incomoda muito”, escreve internauta em 14/02 (sobre letra feia).

Na amostra deste estudo, mulheres costumam usar as caixas de diálogo para comentar sobre temas ligados a casa, como alimentação e higiene. “Na minha casa, quando faço compras já guardo tudo lavado: latas, sachês, óleo, leite, tudo. Até o detergente e o azeite. Sou meio louca”, comenta mulher em 21/01 (sobre hábitos saudáveis). “Quando eu tomava refrigerante, eu lavava [a lata] com bucha e sabão, e só depois colocava na geladeira”, relata outra, no mesmo dia.

Assuntos ligados à beleza também despertam comentários femininos. “Meu cabelo começou a cair muito depois que fiz reeducação alimentar e emagreci 30 kg”, conta mulher em 18/02 (sobre queda de cabelo). “O meu [cabelo] caiu muito devido à dermatite, mas dei fim nessa doença maldita com o uso da água boricada”, diz outra.

Mulheres costumam se mostrar mais compreensivas ou emotivas. “Never desejei a morte de ninguém. Porém sou imensamente grata por ter recebido uma córnea e voltar a enxergar!”, relata mulher em 10/01 (sobre doação de órgãos). “Foi lindo o programa de hoje!”, diz mulher em 28/01 (quando o programa mostrou o nascimento do primeiro filho de um casal de atores da *Globo*).

É pouco comum observar críticas, especialmente agressivas, nos comentários femininos. “Manda os responsáveis por essa tragédia [Brumadinho] beber água pra fazer o teste!”, esbraveja mulher em 01/02 (sobre rio de MG com água contaminada). “Ultimamente esse programa anda com uns temas muito sem graça. Nunca mais tive vontade de assistir devido aos conteúdos”, diz mulher em 09/01 (sobre porque choramos quando cortamos o cabelo).

Mulheres marcam mais. Alguns exemplos: em 18/02 (sobre queda de cabelo; assunto de interesse geral) foram anotadas 80 marcações: 78 de mulheres e duas de homens; em 06/03 (sobre tamanho da barriga e risco de doença) foram 27 marcações: todas de mulheres; em 18/03 (sobre criança ansiosa) foram 30 marcações: todas de mulheres; em 25/03 (sobre parar de fumar) foram 76 marcações: 71 de mulheres e quatro de homens.

b) Homens

Em linhas gerais, comentários feitos por homens apresentam um quê de agressividade. “Acho que um pouco de culpa é da Justiça. Os pais não podem dar mais educação os filhos como antigamente. Eu apanhava dos meus pais quando eu fazia algo errado, hoje os pais não podem nem olhar torto que já é crime”, relata homem em 13/01 (sobre massacre em Suzano). “São vários fatores [que explicam a violência]. A gente trabalha pra ganhar uma miséria. Temos o preconceito no trabalho, somos humilhados. Só porque o cara pode um pouco mais que você [te humilha]. Já passei por tanto isso. Já deu vontade de meter bala sim”, relata outro homem, no mesmo dia. “Eles [jovens] estão crescendo apenas com direitos, não podem ter deveres, porque o Estado tirou dos pais a responsabilidade de criar os filhos com disciplina e amor. Então se criam pequenos ditadores, que fazem o que querem, se cometem algum delito, tem a anuênciā do Estado por meio do ECA, daí quando surgem situações iguais a essa começam a procurar culpados, sem olhar para dentro de casa”, diz outro.

Homens procuram demonstrar uma postura mais crítica. “Por que permitem a venda do adoçante que tanto mal faz? Maconha não pode vender, mas adoçante pode? Anvisa, se explique”, diz homem em 26/02 (sobre malefícios do adoçante). “Tudo faz mal. Vamos tomar o quê?”, escreve outro, no mesmo dia. “Sobre a jovem que ficou paraplégica após colocar piercing: Jesus, bem feito. Castigo”, escreve homem em 13/02 (sobre piercing).

É raro homem demonstrar emoção. “Devemos respeitar as mulheres porque elas têm o direito de ser felizes. Todas merecem um lugar no mundo. Elas merecem respeito, ser amadas. Mulheres, obrigado por tudo”, escreve homem em 08/03 (sobre violência doméstica).

Quando comentam em assuntos mais delicados, costuma haver um quê de racionalidade. “É um trabalho difícil. Ser bombeiro deveria ser melhor reconhecido e remunerado”, diz homem em 30/01 (sobre o trabalho dos bombeiros no resgate das vitimas de Brumadinho).

É incomum homem fazer perguntas sobre saúde. “Eu atendo várias pessoas no confessionário com sintomas de pânico. É comum relatarem que escutam uma voz constante. Esse seria um sintoma da doença?”, pergunta homem em 08/01 (sobre síndrome do pânico). “Sofro muito

com psoríase. Não consigo andar mais. Atacou as juntas, dedo do pé e joelho. O que faço?", pergunta homem em 27/03 (sobre psoríase).

Análise dos dados

Na primeira proposta desta pesquisa percebeu-se que, dos 7.023 comentários observados, 6.686 (95,2%) foram escritos por mulheres e 337 (4,8%) por homens. Ou seja, na amostra observada, o interesse das mulheres por interagir a partir de notícias sobre saúde e bem-estar foi 20 vezes superior ao dos homens.

Na avaliação do autor deste trabalho, essa diferença pode se dever à (a) medicalização do corpo da mulher, à (b) misoginia e (c) ao próprio jornalismo, que costuma priorizar o corpo da mulher nas pautas sobre saúde.

A (a) medicalização do corpo da mulher é um processo iniciado no século XVIII, que focava a mulher para, indiretamente, atingir a família e a comunidade inteira (VIEIRA, 2003). Tal processo se deu na esteira dos interesses do controle populacional, da sujeição dos corpos por parte do Estado, no incentivo à força do trabalho e na higienização do espaço público e da população como um todo. “A medicalização compreende, de um lado, ampliação de atos, produto e consumo médico; de outro, interferência da medicina no cotidiano das pessoas, por meio de normas de conduta e padrões que atingem um espectro importante de comportamentos individuais” (CORRÊA, 2001, p. 25).

A (b) misoginia é o preconceito mais antigo do mundo (KARNAL, 2018). Por um lado, aponta a mulher como sexo frágil (portanto, com necessidade permanente de cuidar mais da saúde, o que abre caminho à medicalização de seu corpo). Por outro, vê o homem como sexo forte (portanto, como alguém que não deve, não pode ou não precisa cuidar da saúde porque isso cabe aos frágeis). “A dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminino não possui autoria única, mas uma constelação de autores, que inclui, além dos homens, a mídia, a educação, a religião, as mulheres e as políticas públicas” (MEDRADO; LYRA, 2008).

O (c) jornalismo, tomando o *Bem Estar* como exemplo, costuma priorizar a saúde da mulher na pauta. Das 71 postagens observadas

neste trabalho, 62 referiam-se a assuntos de saúde de interesse geral para homens e mulheres (como o avanço da dengue, em 15/02), sete diziam respeito à saúde da mulher (como cólica menstrual, em 24/01), e apenas dois tratavam de saúde do homem (como câncer de pênis, em 18/01).

Na *segunda proposta deste estudo*, notou-se que a notícia que mais despertou comentários foi da jovem que ficou paraplégica ao colocar *piercing* (1.649). A este respeito chama atenção a ideia de *risco*. Especialmente em pautas de saúde, o jornalismo costuma se valer da noção de risco para alertar sobre algum perigo ao corpo. E isso chega à audiência.

A palavra risco ganhou conotação de perigo no século XVI. Abrange duas dimensões: a primeira refere-se àquilo que é possível ou provável, em uma tentativa de apreender a regularidade dos fenômenos; a segunda está no âmbito dos valores econômicos e pressupõe a possibilidade de perda de algo (SPINK, 2003).

Para Luiz (2006, p. 107), a mídia amplifica o sentido da palavra risco porque a usa como sinônimo das expressões risco relativo e excesso de risco, diferenciadas no meio médico. “A onipresença da mídia e a sua capacidade de conferir visibilidade aos acontecimentos e às informações produzidas pela ciência desempenham papel fundamental no processo de ressignificação da noção de risco” (LUIZ, 2006, p. 107).

Na *terceira proposta deste trabalho* verificou-se que as *marcações* (marcar o nome de outra pessoa na rede social) foram o tipo de comentário mais comum: 2.922 (41,60%) dos 7.023 observados. Para este estudo, a marcação pode ser interpretada como uma tentativa de alertar o outro sobre algum perigo (se este for o tom da pauta; aqui também se nota a noção de risco), avisar os amigos de alguma novidade (como algum tratamento novo para determinada doença), etc. Em suma, o ato de marcar amigos com o intuito de alertá-los ou ajudá-los denota uma preocupação com o outro, além da preocupação consigo próprio. No caso das mulheres, que na amostra representam 98% das marcações, esse ato reforçaria a ideia recorrente de pessoa cuidadosa, protetora da prole, defensora da família.

Na *quarta proposta deste estudo* anotou-se que, nos comentários observados, entre outros tópicos, as mulheres perguntam mais (o que demonstraria mais interesse por temas ligados à saúde), marcam mais

(o que representaria um cuidado com o outro) e escrevem sobre emoções e comportamentos. Em relação aos homens, percebeu-se que costumam criticar e opinar nos assuntos que comentam (às vezes, em tom agressivo), que praticamente não perguntam e que, em raríssimos casos, manifestam-se a partir de notícias relacionadas à vaidade. Para o autor deste trabalho, este comportamento pode dever-se à tradição machista, que, além das mulheres, atinge os homens, impedindo que se apresentem como pessoas sensíveis, preocupadas com a própria saúde, que se importam com o bem-estar dos outros e que gostem de cuidar-se. “Nossa sociedade atribui papéis diferentes aos dois sexos, cerca-os desde o nascimento com uma expectativa de comportamento diferente, representa o drama completo do namoro, casamento e paternidade conforme os tipos de comportamentos aceitos como inatos e, portanto, apropriados a um ou a outro sexo” (MEAD, 2003, p. 23).

Considerações finais

Esta pesquisa conclui que homens e mulheres, quando estimulados a falar sobre saúde e bem-estar a partir da postagem de notícias sobre esses temas, reproduzem na internet a ideia que, de modo geral, costuma-se ter sobre cada um dos dois gêneros no ambiente físico: o homem mais arreio e menos participativo nos assuntos sobre o cuidado de si (como se isso fosse afetar sua masculinidade, o que foi ensinado a preservar desde a infância) e a mulher mais atenta e interessada (o que combinaria com a cobrança histórica de apresentar-se como pessoa cuidadosa, que zela pelo bem da família, como possivelmente aprenderá desde cedo).

No caso dos homens, esse comportamento pode ser perigoso, porque atenta contra sua própria existência. Mostra clara disso é a expectativa de vida dos brasileiros ser sete anos menor do que a das brasileiras. Em 2019, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a expectativa de vida dos homens no Brasil era de 72 anos e cinco meses, contra 79 anos e quatro meses das mulheres. Outra mostra desse problema aparece em pesquisa do Ministério da Saúde, publicada em 2018, que diz que, no país, 31% dos homens “não cuidam da própria saúde”.

Um comentário observado neste trabalho ilustra este comportamento arredio de homens em relação à saúde: em 18/01, em postagem sobre o risco de câncer de pênis provocado pela falta de higiene no aparelho reprodutor masculino, um internauta escreveu, desprezando ou diminuindo a necessidade de higiene íntima masculina: “Assim quase todos os moradores de rua estariam com câncer” (perfil ou atitude desleixada). Para efeito de comparação, as mulheres que comentaram neste *post* marcaram homens, possivelmente maridos, filhos, irmãos e amigos, possivelmente para que atentassem ao perigo deste tipo de descuido (perfil ou atitude cuidadosa).

Outros comentários mostram que, além de homens, mulheres cobram uma postura permanentemente máscula do público masculino, o que pode impactar diretamente na noção de cuidado com o corpo. Exemplo disso verificou-se em 18/01, em postagem sobre homens que usam fita isolante para demarcar as bordas da sunga e reforçar o bronzeado. “Homem de verdade tem a marquinha da calça na cintura causada pelo sol natural, agora vem essa moda de fita, me poupe. Isso aí é igual ao sol das 8h, você pensa que não queima, mas queima” ironiza uma internauta. “Se pra mulher já acho brega e feio, pra homem, então, pelo amor. É ridículo”, escreve outra mulher. “Cuidado pra não queimar de mais, a rosca”, alfineta outra.

No caso das mulheres, a face negativa do observado interesse pela saúde é uma espécie de predisposição à medicalização do corpo feminino, fenômeno político intensificado a partir do século XVIII por causa das políticas de natalidade e de produção de força de trabalho ao mundo capitalista. Entre outros males, a medicalização tira da mulher direitos sobre o próprio corpo e os transfere a alguma instituição de poder, que decide, por exemplo, se ela pode ou não fazer aborto.

Na perspectiva deste estudo, o jornalismo não é neutro nesse processo porque, ao ensinar leitores, ouvintes, telespectadores e internautas sobre os segredos do corpo saudável, colabora com o projeto biopolítico, iniciado no século XVII, que regula comportamentos individuais e coletivos com o objetivo de produzir corpos economicamente ativos (FOUCAULT, 2012). O jornalismo colabora com esse projeto quando traduz e faz circular o saber médico, aquele que incide diretamente sobre o corpo. Isso ocorre especialmente pelas notícias sobre saúde, por meio das quais o jornalismo leva o conhecimento formal (no caso, o saber

médico) ao senso comum (no caso, o público).

Cabe perguntar: o jornalismo tem interesse em produzir corpos melhorados ou economicamente ativos? Este estudo apostaria que não. Para esta pesquisa, jornalistas buscam simplesmente *prestar um serviço* quando ensinam a audiência a cuidar do corpo; não percebem que, embutidas no conteúdo em favor da saúde plena que veiculam, há estratégias biopolíticas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Pesquisa em ciências sociais.** In: Pesquisa social; projeto e planejamento. São Paulo: Queiroz Editor, 1979
- ADGHIRNI, Zélia. **Jornalismo online:** em busca do tempo real. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom: Salvador, 2002
- BERTOLINI, Jeferson. **O biopoder no discurso da mídia.** Florianópolis. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo:** da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008
- CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela. **Novas tecnologias reprodutivas:** limites da biologia ou biologia sem limites? Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- DIEZHANDINO, Maria Pilar. **Periodismo de servicio.** Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1994
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio: Graal, 2012
- _____. **Microfísica do poder.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1995
- KARNAL, Leandro. **Preconceitos.** 2018
- LASSWELL, Harold. **Propaganda technique in the word war.** Nova York: Peter Smith, 1938
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- LUIZ, Olinda do Carmo. **Ciência e risco à saúde nos jornais diários.** Annablume: São Paulo, 2006
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 2003
- MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades.** In: Estudos feministas, Florianópolis, 2008
- MERLEAU PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2006
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Complexidade.** In: Revista Emancipação. Ponta Grossa, 2010
- MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina.** In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo: as mutações do olhar; o século XX. Petrópolis: Vozes, 2009
- POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade.** Conferencia proferida no Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade, promovida pela Cátedra Humanismo Latino. Porto, 2007
- SPINK, Mary Jane. **Perigo, probabilidade e oportunidade:** a linguagem dos riscos na mídia. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002

VIEIRA, Elibabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

Data de Recebimento: 17 outubro 2019

Data de Aprovação: 18 fevereiro 2020

